

Mulheres que foram à luta contra a ditadura no Brasil: representações do feminino nas páginas do Jornal Correio do Povo (1969-1972)

Luísa Dornelles Briggmann¹, Prof. Dr. Vanderlei Machado²

¹ Graduada em História – Bacharelado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

² Professor do departamento de Ciências Humanas do Colégio de Aplicação da UFRGS



Fonte: (CORREIO DO POVO, 19 de março de 1970, p. 5)



Fonte: (CORREIO DO POVO, 16 de maio de 1969, p.5)

Introdução

A presente pesquisa tem por objetivo buscar entender o modo como as mulheres que atuaram em grupos clandestinos de esquerda, que se opunham à ditadura Civil-Militar brasileira, foram representadas no jornal porto-alegrense Correio do Povo, entre os anos de 1969 a 1972. Assim, buscou-se perceber quais funções as mulheres ocupavam nas ações e nos grupos clandestino de resistência à ditadura, segundo o jornal Correio do Povo. Ao longo da pesquisa analisaremos os discursos imagéticos e escritos acerca das representações de “terroristas” e “subversivas” atribuídas às mulheres que contestavam a ditadura.

Metodologia

Primeiramente buscou-se perceber a maneira como o jornal Correio do Povo problematizou a participação das mulheres na oposição à ditadura brasileira, notadamente, nos grupos de esquerda que atuavam na clandestinidade. Para isso, coligimos reportagens do jornal entre os anos de 1969 e 1972. Os exemplares do jornal encontram-se disponíveis em dois arquivos da cidade de Porto Alegre: o Arquivo Municipal Moysés Vellinho e o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa.

Juntamente com a pesquisa nos arquivos, alguns livros, artigos e capítulos foram lidos e fichados, visando uma maior compreensão do contexto da Ditadura no Brasil e no Rio Grande do Sul, assim como da história do Jornal Correio do Povo e seu posicionamento político. Fez-se necessário ainda, empreender leituras de textos que problematizam o jornal como fonte histórica.

Cotejamos nossas análises com trabalhos acadêmicos que discutem a situação da mulher como militante na América Latina e no Brasil. Bem como trabalhos sobre a história das mulheres e relações de gênero. Como o presente trabalho dialoga com a História Cultural, fez-se fundamental a realização de discussões teóricas de textos que problematizam essa questão.

Para um maior entendimento acerca das representações destas militantes nas páginas do jornal Correio do Povo estamos utilizando o conceito de representação a partir dos referenciais trazidos pela História Cultural. Ao trabalhar com representação, entendemos que esta “não é uma cópia do real, sua imagem perfeita, espécie de reflexo, mas uma construção feita a partir dele.” (PESAVENTO, 2003, p. 40). E que as representações, formuladas por diversos agentes sociais, “são matrizes geradores de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva.” (Idem, p. 39).

Resultados preliminares

Ao analisar os exemplares do Jornal Correio do Povo foi possível perceber a divulgação de representações onde os homens e as mulheres, que militaram em grupos clandestinos de esquerda, eram descritos como “subversivos” e “terroristas”. Segundo reportagens publicadas na época a maior parte destes militantes eram oriundos do movimento estudantil.

A maioria das reportagens não traziam imagens. Nas notícias percebe-se a importância dada nos textos para a presença de mulheres nas ações dos grupos armados, como a participação em assaltos a bancos, no sequestros de diplomatas estrangeiros, entre outras ações.

A representação da mulher militante de esquerda, em algumas reportagens encontradas no Jornal Correio do Povo, privilegiava algumas características físicas. Era recorrente a menção à “loura dos assaltos”. Chama atenção o fato de que nestas reportagens, normalmente, a descrição da mulher loira era acompanhada de adjetivos como: “loura muito bonita”, “loura bastante atraente”. Porém, quando mencionavam os homens, não apelava para descrições com base em atributos físicos.

Nessa pesquisa estamos pensando a imprensa como uma fonte que nos fornece pistas, rastros ou marcas de um passado que jamais poderá ser reconstruído “como realmente aconteceu”. Assim, os discursos divulgados no jornal Correio do Povo não se apresentam para nós como portando uma verdade absoluta. Isto, apesar dos seus editores se apresentarem como portadores de um discurso autorizado, fruto de um jornalismo imparcial. Nesse sentido, se cultivava a máxima “Leu no Correio do Povo, então é verdade”.

Principais Referências

- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil** (1964-1984). Bauru: UDESC, 2005.
- COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Ventos, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. A aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GALVANI, Walter. **Um século de Poder: Os bastidores de Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.
- PESAVENTO, Sandra Jathay. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- RODEGHERO, Carla S. Regime militar e oposição. In GERTZ, René. **República: da Revolução de 1930 à Ditadura Militar (1930 – 1985)**. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. IN: Educação & Realidade, vol.20, n.2. julho/dezembro 1995.